

Política da incompetência

JORNAL DO BRASIL

JOSÉ ASSAD *

30 JUN 1993

A saúde no Brasil agoniza no leito da incompetência e da incuria em que a hospitalizaram.

Sem fluxo de caixa permanente, os recursos a ela destinados são digeridos com a desolação daqueles que contemplam o dinheiro público se volatilizar. No entrechoque das declarações das autoridades, vislumbra-se que a saúde consome muito e os resultados são insatisfatórios. Assim se pronunciaram o presidente Itamar Franco e o ministro Fernando Henrique. O que as autoridades não tiveram oportunidade de expressar é que a escassez de recursos, a inadequada descentralização gerencial, o descontrole social dos gastos, os míseros salários que os médicos e os demais profissionais de saúde recebem e a impossibilidade de reciclagem e atualização levaram ao desestímulo, e a desesperança, às entranhas do setor.

No Brasil, menos de 3% do PIB de US\$ 450 bilhões são destinados à saúde, contra 12% de US\$ 4 trilhões dos Estados Unidos e 8% das rendas nacionais francesa e canadense. Apenas 30% do PIB brasileiro são transformados em salários e vencimentos, contra 70% da gorda receita nacional americana, e indubitavelmente bons salários são um grande investimento em saúde. No Brasil, se gasta pouco e se gasta mal em saúde. A falta de controle social e a inconstância do fluxo de caixa ensejam a aberração de que quem compra mais, ao invés de pagar menos, paga mais caro.

A discussão entre medicina pública e privada deve-se dar no consistente terreno da verdade, pois o que é considerado privado, com as exceções que costumam confirmar as regras, se nutre do erário público, é fornida na fatia dos recursos ministeriais.

No Rio de Janeiro, onde a malha de unidades públicas foi intensamente adensada por razões de natureza histórica, nos últimos anos vimos constatando uma autêntica depleção desta rede, onde o descaso e a incompetência, de mãos dadas, se encarregam de enfraquecê-la. Atualmente, a situação crítica é uma realidade não só na área estadual, onde os hospitais agonizam de modo angustiante, como na esfera municipal, e nas unidades federais. Pacientes cancerosos não estão tendo direito à quimioterapia devido à falta de medicamentos, ou mesmo à cirurgia em diversas unidades. É um genocídio inadmissível.

Não menos grave é a falta de leitos para cardiopatas e doentes críticos, pois vários CTIs estão fechados ou parcialmente desativados.

Hospitais que se distinguiram pela qualidade de seus médicos, hoje se encontram com as amarras da improdutividade, com os grilhões do abandono. O Hospital dos Servidores do Estado está com 10% do seu funcionamento; o Andaraí, no conflitante dilema de que deve fechar a emergência ou as internações eletivas; o Hospital de Posse já está fechado. Estes são retratos pontuais de uma situação que dexou de ser de crise para se tornar crônica.

A extinção do Inamps é uma realidade, e constatamos no Rio de Janeiro a Coordenadoria deste órgão fechando pontos de assistência médica como o PAM—Venezuela, cujas qualidades de atendimento e exclusividade de alguns serviços o fizeram credor do respeito dos usuários e da sociedade como um todo.

É inaceitável que se fechem unidades de saúde sob a alegação da falta de recursos humanos. Isto é incompetência. É preciso parar de dissimulação e enfrentar a angustiante situação da Saúde. É hora de se utilizar pessoal concursado do município, colocando em prática o preceito constitucional do Sistema Único de Saúde.

Se isto fizerem, estarão as autoridades dando uma demonstração de competência política, de eficiência administrativa e de diminuição de gastos públicos, pois, com a chegada destes profissionais, milhares de consultas serão feitas e centenas de leitos reabertos, reduzindo consideravelmente o que o Poder Público gasta mal e desnecessariamente, pois os doentes estão sendo internados na rede conveniada e o dinheiro público sendo consumido. As estruturas ambulatoriais e hospitalares já existem e seus custos são praticamente os mesmos com os leitos ocupados ou vazios.

Com competência, consome-se menos e gasta-se melhor. É hora de um basta. A sociedade exige, e os profissionais de saúde que estão na linha de frente do atendimento não toleram mais este caos, nem admitem que recaia sobre seus ombros a responsabilidade pelas mazelas de um sistema cronicamente desgastado, incompetentemente gerenciado e desumanamente legado à população brasileira.

* Diretor do Cremerj e ex-secretário municipal de Saúde